

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E PRÁTICA DOCENTE: DESAFIOS DO PROFESSOR DA SALA DE AULA REGULAR NO ENSINO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS

Simone Rodrigues Alves ¹; Luciano Gutembergue Bonfim Chaves ²

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE), Ceará, Brasil.

simoneralvess@gmail.com

²Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral (CE), Ceará, Brasil.

lucianogbonfim@gmail.com

Introdução

A educação inclusiva tem se consolidado nas últimas décadas como um princípio fundamental das políticas educacionais brasileiras, ao defender o direito de todos os estudantes à participação e à aprendizagem no espaço escolar, independentemente de suas diferenças ou necessidades específicas. Nesse sentido, a escola deve assumir o compromisso de garantir não apenas o acesso dos alunos ao ambiente escolar, mas também as condições que favoreçam sua permanência e desenvolvimento no processo educativo.

No campo da educação inclusiva, Mantoan (2003) destaca a necessidade de reorganização das práticas pedagógicas e das estruturas escolares como condição fundamental para atender à diversidade presente nas salas de aula. A partir desse entendimento, Sassaki (1997) afirma que a inclusão pressupõe a adaptação do sistema educacional para garantir a participação de todos os estudantes, respeitando suas diferenças. Essa compreensão é reforçada por políticas públicas educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), que estabelecem a escolarização dos estudantes público-alvo da Educação Especial no ensino regular.

Na perspectiva inclusiva, Carvalho (2010) destaca a importância da escolarização dos estudantes público-alvo da Educação Especial, entre os quais se encontram alunos com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades ou superdotação. Nesse contexto, a presença desses estudantes no ensino regular demanda do professor o desenvolvimento de práticas pedagógicas capazes de atender às diferentes formas de aprendizagem. Isso implica a construção de estratégias diferenciadas e individualizadas que favoreçam a participação efetiva nas atividades escolares, conforme aponta Mantoan (2003).

Entretanto, apesar dos avanços teóricos e das políticas educacionais voltadas à inclusão, o contexto escolar ainda apresenta limites para a efetivação dessas práticas, sobretudo diante da ausência ou insuficiência de profissionais de apoio no acompanhamento de alunos que necessitam de maior mediação no processo de aprendizagem.

Nesse cenário, o professor da sala de aula regular frequentemente se encontra diante da responsabilidade de atender às demandas pedagógicas de toda a turma. Essa realidade

evidência que a efetivação da educação inclusiva não depende exclusivamente da atuação individual do professor, mas de condições institucionais que possibilitem o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas, como a presença de profissionais de apoio e o fortalecimento do trabalho colaborativo no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que precisa desenvolver estratégias que possibilitem o acompanhamento dos alunos com necessidades educacionais específicas. Quando esse trabalho ocorre sem o suporte de outros profissionais, surgem limites concretos para a garantia de um ensino de qualidade que contemple as diferentes necessidades presentes na sala de aula.

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo refletir sobre os desafios enfrentados pelo professor da sala de aula regular no contexto da educação inclusiva, especialmente no que se refere ao ensino de alunos com necessidades educacionais específicas e à ausência de suporte profissional que contribua para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica sobre educação inclusiva e os desafios da prática docente no ensino de alunos com necessidades educacionais específicas no ensino regular. Essa abordagem permite compreender fenômenos educacionais a partir da interpretação de experiências, práticas e percepções relacionadas ao cotidiano escolar, contribuindo para uma análise mais aprofundada dessas realidades (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico de produções acadêmicas que discutem a educação inclusiva, o ensino de estudantes público-alvo da Educação Especial e as práticas pedagógicas voltadas para a inclusão no ensino regular. A revisão da literatura buscou identificar contribuições teóricas que analisam os desafios enfrentados pelos professores no desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas no ambiente escolar, com destaque para os estudos de Maria Teresa Eglér Mantoan e Rosita Edler Carvalho, que discutem a importância da construção de práticas pedagógicas que considerem a diversidade presente nas salas de aula.

Além da revisão teórica, o estudo também se fundamenta em reflexões produzidas a partir da minha experiência profissional no contexto da educação básica. Atualmente vivenciando os desafios da prática docente em sala de aula regular, observa-se no cotidiano escolar a complexidade de atender às diferentes necessidades de aprendizagem presentes nas turmas, especialmente em situações nas quais não há suporte de profissionais de apoio para o acompanhamento de alunos que demandam maior mediação pedagógica.

Destaca-se além da experiência profissional anterior como acompanhante terapêutica no contexto escolar, atuação que possibilitou acompanhar de forma direta o cotidiano de estudantes que demandam maior mediação no processo de aprendizagem e nas interações sociais. Essa experiência permitiu compreender que o acompanhamento terapêutico no ambiente escolar não se limita apenas ao suporte pedagógico, mas envolve também aspectos relacionados ao desenvolvimento da autonomia, à mediação das relações sociais, ao apoio emocional e à organização das atividades escolares.

A partir dessa vivência, foi possível observar de maneira mais próxima como o acompanhamento individualizado contribui para favorecer a participação dos alunos nas atividades propostas, bem como para apoiar a construção de estratégias que auxiliem no enfrentamento das dificuldades presentes no processo de escolarização. Por outro lado, a experiência atual na docência em sala de aula regular permite perceber os desafios enfrentados pelos professores quando esse tipo de suporte não está presente no cotidiano escolar.

A vivência nesses dois contextos tanto no acompanhamento terapêutico quanto na atuação direta em sala de aula amplia a compreensão acerca da complexidade do trabalho docente no contexto da educação inclusiva. Essa experiência evidencia que, embora o desenvolvimento de estratégias pedagógicas diferenciadas seja parte fundamental da prática docente, sua efetivação torna-se significativamente mais desafiadora e praticamente impossível quando o professor precisa lidar sozinho com turmas numerosas e com diferentes necessidades de aprendizagem, reforçando a importância do trabalho colaborativo e da presença de profissionais de apoio no ambiente escolar.

Nos últimos anos, também tem sido possível observar, no cotidiano das escolas, um aumento significativo na presença de estudantes público-alvo da Educação Especial em turmas do ensino regular. Esse cenário tem ampliado as discussões sobre as condições necessárias para a efetivação da educação inclusiva, evidenciando a importância de políticas educacionais, formação docente e suporte institucional que possibilitem aos professores desenvolver práticas pedagógicas que atendam às diferentes necessidades presentes na sala de aula.

Resultados e discussões

A análise da literatura, articulada às reflexões provenientes da prática docente, evidencia que a educação inclusiva exige do professor o desenvolvimento de estratégias pedagógicas voltadas à diversidade de formas de aprendizagem (MANTOAN, 2003). Nesse sentido, a variedade de ritmos e necessidades educacionais requer uma postura pedagógica flexível, baseada na adaptação de metodologias, recursos e estratégias didáticas às especificidades dos estudantes.

Além disso, Glat e Pletsch (2011) destacam que a efetivação da educação inclusiva está diretamente relacionada à formação docente e às condições de trabalho oferecidas aos professores. Nesse sentido, Beyer (2006) aponta que a inclusão escolar ainda enfrenta desafios estruturais e pedagógicos que dificultam sua consolidação no cotidiano das escolas. Entre as estratégias pedagógicas, destaca-se o ensino individualizado, que favorece o acompanhamento dos alunos que necessitam de maior mediação no processo de aprendizagem. Essas práticas devem estar presentes tanto no planejamento quanto na ação docente, com o objetivo de garantir a participação e o desenvolvimento de todos os estudantes (CARVALHO, 2010).

No entanto, no cotidiano escolar, muitos professores enfrentam dificuldades para implementar essas estratégias de forma efetiva, especialmente em contextos nos quais não há a presença de profissionais de apoio, como cuidadores ou acompanhantes terapêuticos. Nessas situações, o professor da sala de aula regular assume, de forma isolada, a responsabilidade pelo acompanhamento pedagógico dos alunos que demandam maior atenção. Considerando que as turmas são compostas por um número significativo de estudantes com diferentes ritmos e necessidades de aprendizagem, garantir um acompanhamento adequado para todos torna-se um desafio. Em muitos casos, há múltiplos alunos que demandam maior suporte, o que intensifica a complexidade do trabalho pedagógico.

Percebe-se que recai frequentemente sobre o professor a expectativa de responder sozinho a diversas demandas do processo educativo, como dificuldades de aprendizagem, questões comportamentais e necessidades educacionais específicas. Contudo, tais desafios estão associados também a fatores sociais, familiares e institucionais que ultrapassam a atuação individual do docente, evidenciando a necessidade de uma rede de apoio e de ações coletivas no contexto escolar (PERRENOUD, 2002). Nesse contexto, destaca-se o papel dos profissionais de apoio, como acompanhantes terapêuticos e cuidadores, cuja atuação vai além

do suporte pedagógico, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, a mediação das relações sociais e o apoio emocional dos estudantes. A ausência desse suporte amplia os desafios enfrentados pelo professor no acompanhamento dos alunos que necessitam de maior mediação.

Dessa forma, quando o professor precisa lidar sozinho com demandas pedagógicas, emocionais e organizacionais, torna-se mais difícil garantir um acompanhamento adequado para todos os estudantes. Assim, embora o objetivo da prática docente seja assegurar a aprendizagem, a participação e o desenvolvimento de todos, sua efetivação depende de condições adequadas de trabalho e de suporte institucional. As políticas educacionais brasileiras voltadas à educação inclusiva asseguram que os estudantes público-alvo da Educação Especial tenham acesso a recursos, serviços e apoios que favoreçam sua participação no ensino regular (BRASIL, 2008). Portanto, a efetivação da educação inclusiva não pode ser atribuída exclusivamente ao professor, mas depende da existência de uma rede de apoio institucional. Na ausência desses suportes, torna-se mais difícil garantir o atendimento equitativo das necessidades dos estudantes, o que pode comprometer o processo de aprendizagem. Nesse sentido, o trabalho colaborativo entre o professor e os profissionais de apoio mostra-se fundamental para o fortalecimento das práticas inclusivas e para a ampliação das possibilidades de aprendizagem.

Conclusões

A análise evidencia que a efetivação da educação inclusiva ultrapassa a atuação individual do professor, estando diretamente relacionada às condições institucionais oferecidas pelas escolas. Embora o desenvolvimento de estratégias pedagógicas diferenciadas e do ensino individualizado seja fundamental, sua concretização depende do suporte disponível no ambiente escolar.

Observa-se que, em turmas numerosas e heterogêneas, nas quais há estudantes com diferentes necessidades educacionais, incluindo alunos *neurodivergentes* que demandam maior acompanhamento pedagógico, surgem limites concretos para a implementação de práticas inclusivas. Nessas condições, o professor, ao atuar de forma isolada e sem o apoio necessário, enfrenta dificuldades significativas para garantir um ensino que contemple todos os estudantes. Nesse contexto, evidencia-se um distanciamento entre o discurso da educação inclusiva e sua efetivação na prática escolar. Em muitos casos, as instituições se apresentam como inclusivas, porém não asseguram as condições necessárias para que a inclusão aconteça de forma real, como a oferta de profissionais de apoio, redução do número de alunos por turma e suporte pedagógico adequado.

Dessa forma, torna-se essencial que as políticas públicas educacionais sejam efetivamente implementadas, garantindo recursos, serviços e melhores condições de trabalho aos docentes. A educação inclusiva não pode se limitar a uma proposta formal ou normativa, sendo necessário um compromisso institucional concreto com práticas que assegurem a participação e a aprendizagem de todos os estudantes. Quando essas condições não são garantidas, a inclusão torna-se fragilizada e insuficiente. Por outro lado, quando há investimento em suporte, organização escolar e trabalho colaborativo, ampliam-se as possibilidades de aprendizagem, participação e desenvolvimento dos estudantes, contribuindo para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

Palavras-Chave: Ensino regular; Diversidade educacional; Inclusão escolar; Mediação pedagógica; Trabalho colaborativo.

Referência Bibliográficas

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: Presidência da República, 1996.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos is.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

GLAT, Rosana; PLETSCH, Márcia Denise. **Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

XVI
FIPED